

Vicinalidades e configurações de casas: os Leandros de Várzea Alegre - CE e suas estratégias de moradia em São Paulo¹

Jurani Oliveira Clementino – UFCG/PB*
Marilda A. Menezes – UFABC/SP**

Resumo

Desde 2012, desenvolvemos uma pesquisa com um grupo de migrantes do município de Várzea Alegre, Estado do Ceará que residem na Vila Liviero, município de São Paulo. Ao migrar, através do estabelecimento de uma rede familiar, os varzealegrenses foram construindo casas próximas de parentes e amigos e reconfigurando na Vila Liviero um espaço de proximidade e sociabilidades. O presente trabalho tem como objetivo analisar as estratégias utilizadas pelo grupo na organização das moradias em São Paulo com base nas categorias de vicinalidades e configurações de casas. Em Pina-Cabral e Godoi (2014) e Márquez (2014) *vicinalidades* estão em oposição à categoria vizinhança. Não seriam elas vizinhanças, zonas territorialmente demarcadas, mas processos de aproximação territorial constitutiva. O conceito de “vicinalidade” entende que os espaços de moradia como casas, domicílios, tendas, etc. tendem a se agregar territorialmente segundo lógicas plurais, quer seja de amizade, interesse político, geração, afinidade, e formam conglomerados abertos onde a ação social interage com outras formas instituídas de agrupamentos, sem nelas se dissolverem. Já Marcelin (1999) nos oferece o conceito de *configuração de casas*, ou seja, um conjunto de casas vinculadas por uma ideologia familiar e do parentesco. Existe ainda uma relação inseparável entre a casa e as configurações de casas que se articulam por estruturas de tensão em suas relações simbólicas e sociológicas. Para ele, um “estudo da construção e do uso sociocultural dos modos de habitar dos agentes no meio popular, ou seja, na casa, é determinante para apreendermos os sentidos das relações sociais investidas na experiência da família e do parentesco em sua complexidade”. Além da observação direta nos espaços de moradia e sociabilidades, recorreremos ainda à utilização de gráficos e fotos que pretendem ilustrar a análise.

Palavras-chave: migrantes; casa; vicinalidades

Introdução

Várzea Alegre é um município cearense localizado entre as microrregiões Centro Sul e Cariri do Estado. Conta com uma população de 38.434 habitantes, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). O

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

*Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande – PPGCS/UFCG.

**Professora Visitante Nacional Senior do Programa de Ciências Humanas e sociais da Universidade Federal do ABC, Pesquisadora do CNPq

município tem como principal fonte de renda a produção de arroz. Pelo destaque nesse tipo de economia é conhecido como “a terra do arroz”. Além da produção de arroz, o município produz, em numero reduzido, milho, feijão e fava.

O município é habitado por famílias de pequenos proprietários de terra, funcionários públicos, profissionais liberais e aposentados. Uma característica da população varzealegrense, certamente comum aos pequenos municípios do interior da região Nordeste, está na migração. O ato de migrar é quase sempre associado a uma estratégia de sobrevivência. Quando não se foge “com medo” da seca, deixa-se a terra natal por consequência de conflitos familiares e/ou em busca de melhores condições de vida (dinheiro, moradia, qualidade de vida, dias melhores).

Os desejos dessa população migrante de “melhor condição de vida” se assemelham aos identificados por MENEZES (1985) ao estudar uma população migrante do Alto Sertão da Paraíba em direção à São Paulo, “melhor condição de vida” está associada à capacidade de garantir a reprodução da própria família, ajudar os que ficaram e garantir um pecúlio que permita a fixação nos locais de destino ou o retorno às suas localidades.

A mobilidade dos moradores varzealegrenses tem diferentes destinos. Entre a própria região Nordeste (Recife/PE, Natal/RN, Maceió/AL), em direção à região Norte (Belém/PA, Manaus/AM), Sul (Paraná e Santa Catarina) e muito fortemente para a região sudeste. No caso dessa última região, é possível perceber um intenso fluxo para a região do ABC paulista (Santo André, São Bernardo e São Caetano).

O intenso fluxo das pessoas entre Várzea Alegre e São Paulo faz-nos pensar que a distancia geográfica que os separa não é tão grande como se apresenta no mapa (Mais de dois mil e quinhentos quilômetros). Os registros de circulação de pessoas entre esses dois municípios brasileiros datam ainda da primeira metade do século XX, sendo mais evidente entre os anos 1950 e 1980. Era um período de intenso crescimento econômico brasileiro e instalavam-se no entorno da capital paulista as grandes multinacionais.

Para os moradores de Várzea Alegre, chegava a notícia de que em São Paulo existia muito trabalho e pouca mão de obra como nos informa esse migrante que chegou à São Bernardo no final de 1968: “Entrei na Brastemp que na época era Multibras. Eu entrei na Multibras, trabalhei um ano. Tem até uma coincidência da vida porque eu sai da Brastemp no dia 25 de janeiro de 70 e entrei na Volkswagen no dia 26 de Janeiro de 70”.

O que é classificado como “coincidência”, pelo informante, aos olhos de quem gostaria de conseguir um emprego em São Paulo, podia ser interpretado como facilidade de conseguir trabalho. “Hoje você sai de uma empresa, amanhã você entra em outra”. Informações desse tipo estabeleceram um contínuo fluxo migratório entre esses dois municípios e regiões, ou seja, a região Centro Sul- CE e o ABC Paulista. Os varzealegrenses foram ocupando áreas tanto do município de São Bernardo do Campo, quanto próximos, como a Vila Liviero que fica localizada na zona sul de São Paulo. Alí eles foram construindo suas moradias e reconfigurando os laços de parentesco e amizade.

Vila Liviero: espaço das redes de parentesco do Sítio Queixada

A condição de mobilidade não expressa, contudo, desenraizamento e desagregação familiar, mas, antes, uma permanente recomposição e resignificação de suas redes de relações sociais. A existência de uma rede influenciando o processo migratório está presente em diversos trabalhos sobre o tema: Durhan (1978); Menezes (1985; 2002), Nogueira (2010), Dornelas (2001), Fusco (2001), Costa (2001), Fontes (2008), Sarti (2011), Clementino (2016). As redes estabelecem não apenas os elos sociais sendo um suporte material e afetivo para conseguir trabalho, conseguir ou compartilhar moradia, ajuda a pessoas doente na família, mas também configura os espaços de moradia na cidade. Assim, é recorrente termos o agrupamento de migrantes de um determinado município, ou estado em certos bairros de São Paulo ou da região do grande ABC. Por exemplo, em pesquisa anterior que realizamos no período de 1981 a 1984, observamos que a Vila São José em São Caetano do Sul era caracterizada historicamente por ser um bairro de nordestinos da mesma forma que São Miguel Paulista, estudado por Paulo Fontes (2008), também segue essa composição. Tal configuração se verifica, ainda, entre os varzealegrenses que estudamos entre 2012 e 2015 e que residem na Vila Liviero, região Sul de São Paulo. Nessa Vila, destacamos uma rua em que a maioria dos moradores fazem parte basicamente de uma mesma família de migrantes oriundo de Várzea Alegre.

O espaço onde atualmente moram esses varzealegrenses é de propriedade da Prefeitura de São Paulo. Foi cedido por um período de quarenta anos pelo então prefeito

Mário Covas (PMDB) para a construção de 77 casas como nos informa esse migrante², beneficiado com uma das casas. “Era prá gente receber essas casas prontas, nós pagamos pra receber dois cômodos prontos, mas como ele [Mário Covas] estava saindo, ele falou: ‘olha pra vocês não perder o trabalho de vocês, vou mandar o material pra vocês mesmo fazerem as casas que é pra o Jânio Quadros [sucessor na prefeitura de São Paulo] não derrube mais’” (LAMARÃO, 2014). De acordo com esse informante, Mario Covas teria enviado 1.200 sacos de cimento, 60 carradas de areia, 60 carradas de pedra, uma carreta de ferro, uma carrada de madeira. Em menos de um mês, o material havia chegado e eles começaram a construir as casas em regime de mutirão. Até os anos 1980 existia um campo de futebol no local. Cada terreno cedido mede cinco metros de largura por 17 metros de comprimento. Os moradores, antes residiam em favelas e invasões que ficavam ali próximo, como a Favela São Pedro e a Vila Morais. Com a doação dos terrenos, todos se comprometeram em pagar o material que seria usado na construção. “A forma de pagamento era o equivalente a 10% do salário da gente. Cada casa deveria ter apenas dois cômodos, mas eu mesmo fui ampliando, construí em cima e fiz essa cobertura” (LAMARÃO, 2014).

Essa “ampliação” tornou-se comum e atualmente é praticamente impossível encontrar uma casa com o formato original de apenas dois cômodos. As reformas buscavam atender as necessidades dos novos integrantes da família [especialmente os filhos], e até mesmo de novos varzealegrenses que chegavam à São Paulo [primos, irmãos, amigos]. Estava sempre chegando mais um. Quatinhos no fundo foram sendo alugados, novos cômodos construídos em cima e hoje, praticamente todas as casas, possuem dois andares. A importância das redes sociais é verificável tanto na construção das casas, quanto nas formas de organização do grupo. Padrões que se repetem e acontecem no núcleo familiar. A forma de moradia é exemplar nesse sentido. É perceptível uma relação entre como eles moravam na origem e no destino. Observe os gráficos a seguir:

² A fim de preservar a identidade do grupo, todos os nomes citados ao longo do texto são fictícios.

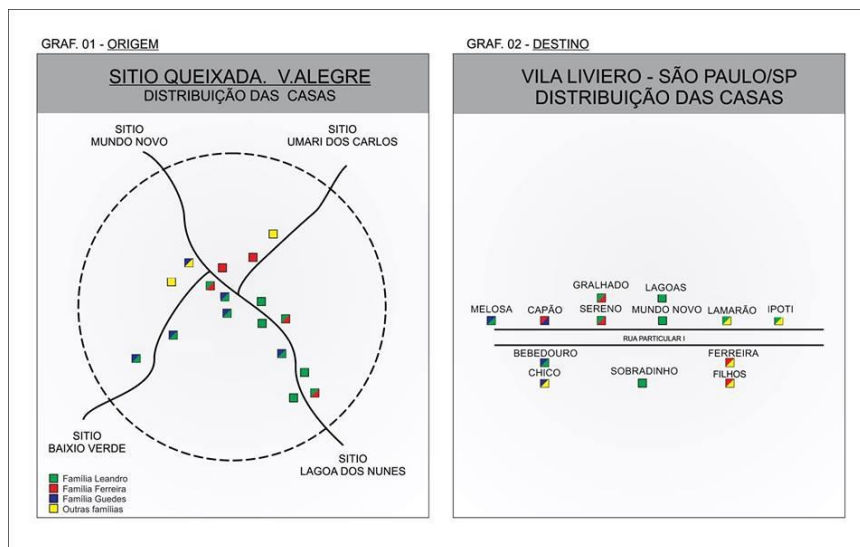


Gráfico 01,02: Distribuição das casas/moradias: destino e origem
 Fonte: Elaboração Jurani O. Clementino.

O gráfico 01, que corresponde a uma comunidade rural, Sítio³ Queixada - distante 18 km da sede do município de Várzea Alegre - mostra uma distribuição das casas das três famílias mais tradicionais do lugar: os *Leandros*, os *Ferreiras* e os *Guedes*. Identificadas, respectivamente, pelas cores verde, vermelho e azul.

As casas não são ligadas umas as outras, ou seja, não há um compartilhamento das paredes, mas elas são próximas, ocupando basicamente um território comum. Especialmente os Leandros, identificados na parte de baixo do gráfico que dividem espaço com os Guedes. Já os Ferreiras estão situados mais na parte central do gráfico, havendo uma distribuição que tende a se deslocar para a parte de baixo do gráfico em função dos casamentos realizados (mesmo a contragosto) com os Leandros. Na parte de cima do gráfico estão identificadas aquelas famílias que não estabelecem relações conjugais nem com os Ferreiras, nem com os Guedes, nem com os Leandros. São famílias com menor tradição em migrar para a região estudada, resolvemos identificá-las com a cor amarela.

Neste primeiro momento, é importante perceber a distribuição das casas no espaço geográfico. As noções de vizinhança atreladas às relações de parentesco.

³ O que estamos denominando de *sítio* pode ser compreendido a partir da definição de Woortmann (1990 p. 30), que, em sentido mais amplo, seria uma comunidade de parentesco, um espaço onde se reproduzem socialmente várias famílias de parentes. Sobre a definição de **parentesco**, Marcelin (1999) e Woortmann (1990) comungam com a ideia de um eixo biológico de reprodução das sociedades humanas.

Embora sejam basicamente três famílias distintas, elas terminaram unidas/juntas no primeiro e particularmente, no segundo momento, ou seja, na Vila Liviero. Isso se dá, em parte, por uma tradição de união/casamentos entre os membros destas famílias. Por isso, uma frase ficou famosa pelas redondezas, direcionada possivelmente para aqueles que eventualmente namoravam com um(a) integrante dessas famílias: “As moças do Queixada só se casam com os rapazes de lá. Besta quem se ilude com elas”.

Estes casamentos/uniões, tão comuns entre moradores do mesmo sítio/localidade, não estavam isentos de conflitos, uma vez que as famílias mais tradicionais, ou seja, as que se destacavam economicamente, não admitiam os casamentos com aqueles membros de famílias menos favorecidas. Isso poderá ser melhor observado no segundo gráfico onde destacamos a distribuição das casas na Vila Liviero - São Paulo e identificamos ainda as uniões matrimoniais entre os Leandros e os Ferreiras. Para demonstrar o grau de parentesco entre o grupo que reside na vila Liviero, tentaremos, a partir das casas ilustradas no referido gráfico, identificar seus moradores. Melosa, hoje separada, foi casada com o primo Charneca. Capão é irmão de Melosa, casado com a prima Calabaça. Gralhado foi casada com Barreiros, hoje são separados. Fortuna é prima de Gralhado, Melosa e Charneca, casada com Caiana. Lagoas é casado com uma sobrinha, Guaribas, é tio de Fortuna e primo de Gralhado. Mundo Novo é irmã de Lagoas, tia de Fortuna e prima de Gralhado, nunca casou, mas tem uma filha que mora com ela. Lamarão é primo de Lagoas e Mundo Novo. Bebedouro é irmã de Capão, cunhada de Calabaça e foi casada com Varjota que era primo dela. Sobradinho é casado com uma prima, Caraiabas, cunhado de Gralhado e Bebedouro. Sobrinho de Mundo Novo e Lagoas. Ferreira - já falecida - é tia de Caiana e Barreiros. Todos estão interligados por laços de parentesco entre si e formando uma complexa rede familiar. Dessa forma, eles vão assegurando, na cidade, formas de sociabilidade muito próxima do que os pais vivenciaram no sítio de origem.

É interessante destacar que essas uniões, especialmente entre os Leandros e os Ferreiras, nem sempre foram festejadas/aprovadas pelos pais⁴. O não consentimento dos casamentos entre essas duas famílias, se dava em parte porque os Leandros se sentiam superiores aos Ferreiras. Os primeiros eram conhecidos como criadores de gado e donos

⁴ Há situações em que os pais se negaram a abençoar os noivos. Era comum, após o casamento, quando os noivos voltavam da cidade, os pais receberem os recém-casados sentados na porta de casa. Como parte do ritual eles se ajoelhavam, pediam a benção e em seguida cumprimentavam os convidados. Somente após esse gesto de respeito, servia-se o jantar oferecido aos convidados e noivos em comemoração ao casamento. Após o jantar, era comum ainda um “samba”, que na verdade era um forró.

de grandes quantidades de terras, os segundos, comerciantes. Essas desavenças, aliadas a outros fatores econômicos e sociais, também estimularam a mobilidade desses varzealegrenses. Ou seja, a migração também acontece por questões afetivas relacionadas a conflitos com cônjuges, pais, mães, irmãos ou outros⁵.

Ao migrar, através do estabelecimento de uma rede familiar, eles foram construindo, alugando ou ocupando casas próximas e reconfigurando no destino, a rede de relações de parentesco e de amizade da localidade de origem. Dessa forma, trata-se de mais uma forma de associação, como nos diz Simmel (2006), nessa forma de socição, os laços de proximidade entre parentes e vizinhos que marcavam a sociabilidade no sítio – Queixada. Assim, eles também reatualizam as atividades festivas como aniversários, comemorações de fim de ano, Natal, realizando partidas de futebol e, acima de tudo, driblando o tempo ausente e a saudade dos parentes distantes. Em uma de nossas primeiras imersões a campo, em dezembro de 2012, tivemos a chance de acompanhar alguns eventos que evidenciam as práticas de sociabilidade, dos varzealegrenses no interior da vila. Tratava-se do aniversário de Sobradinho e contou com um churrasco na laje, muito comum em aniversários e quando se quer receber bem um visitante, parente, amigo⁶, muita bebida e o famoso “parabéns pra você”.

A casa de Sobradinho é palco para as mais diversas comemorações: festas juninas, festas de fim de ano, comemoração de aniversários de sobrinhos, primos e amigos. Isso porque possui uma laje ampla, protegida do sol e da chuva, com uma churrasqueira, som e cadeiras. Outra característica importante é que esse casal, dono da casa, possui dois jovens, um com idade de 23 e outro de 18 anos, que também gostam de promover as famosas festinhas na laje.

Indagado sobre o barulho que as confraternizações produzem, ele [o dono da casa] disse que apenas um vizinho “é chato” e que, por umas duas vezes “chamou os homens”. “Chamar os homens” significa denunciar à polícia o barulho provocado pelas festas. A polícia esteve no local conversando com o dono da festa, orientou sobre o

⁵ Desenvolvemos melhor este tema no artigo “Sessenta anos depois: a narrativa de um migrante sobre ausência e saudades da família” onde apresentamos um relato da experiência migratória do Sr. Renato Jordão, que migrou aos 17 anos e perdeu o contato com a família por seis décadas. Em 2013 ele retornou de São Paulo para encontrar os familiares que residem em Campina Grande - PB. Pretendemos compreender como Sr. Renato narra sobre a experiência de migrar e as relações com a família. (MENEZES E CLEMENTINO, 2014).

⁶Sobre as visitas dos parentes, Rigamonte (2001, p. 129-130) observa algo comum ao grupo analisado, especialmente com a realização dos churrascos e dos almoços coletivos: “Os parentes que chegam a São Paulo são recebidos com festa e tornam-se a grande razão das comemorações do período, pois, além da melhoria nas condições de vida, são motivo de orgulho dos familiares”.

horário que podiam manter o som ligado e ainda soltou uma piada, de acordo com o informante: “O PM [Policial Militar] disse: ‘olhe, da próxima vez chame ele, pra ele não ficar lhe denunciando’ [risos]”. Mesmo com a implicância desse vizinho, ele disse que as festas continuam e há registros em que amanheceram todos na laje, bebendo e dançando ao ritmo do som. “É melhor ver o povo todo aqui, seguro, dançando, se confraternizando, do que deixar eles aí pelas ruas”, afirma o dono da casa, numa clara referência à violência no bairro.

Dessas festas participam, além do dono da casa, sua esposa e seus filhos, aqueles parentes: irmãos, primos, tios e sobrinhos, que residem na vila ou em bairros próximos. Não identificamos colegas de trabalho do proprietário da casa. Os filhos convidam e, às vezes, recebem a visita de amigos do colégio ou colegas da rua ou do trabalho. A esposa do dono da casa também pode chamar suas irmãs, seus irmãos ou uma amiga. Como são festas, comemorações e eventos que se repetem, essas pessoas já sabem que podem participar, que estão convidadas. É interessante registrar aqui que apenas os vizinhos com os quais se tem maior afinidade participam desses churrascos. O que significa que o vizinho “de parede”, ou seja, da casa ao lado do dono da festa não esteja na festa e o morador da última casa da rua seja um dos primeiros a chegar. Vizinho tem o sentido amplo, pode ser alguém da rua ou do bairro. Tirar a festa do meio da rua e levar para a laje, ou seja, para o interior da casa foi, também, uma estratégia para evitar o contato mais direto com a violência, que segundo a percepção dos varzealegrenses tem aumentado muito nos últimos anos.

Dessa forma, a casa do Sobradinho tornara-se um ponto de concentração e encontros festivos churrascos, almoços, aniversários, festas cotidianas. A esposa de Sobradinho disse que são poucas pessoas que encaram o trabalho na cozinha: “Você é quem menos participa, fica o tempo todo na cozinha preparando as comidas e Sobradinho fica na churrasqueira assando carne enquanto os outros se divertem. Depois ainda tem gente que acha que a gente cobra um valor alto porque queremos tirar proveito”. Justifica. Ou seja, realizar festas em casa pode não ser vantajoso, especialmente em virtude das ocupações que os donos do ambiente assumem durante o momento festivo. Contudo, é interessante notar que, mesmo reconhecendo esses pontos “negativos”, o casal sempre está disposto a realizar as festas sempre celebradas no âmbito familiar como aniversários, churrascos do fim de semana, datas comemorativas, etc. A maneira como as casas estão organizadas na rua que compõe a vila facilita o maior envolvimento entre os integrantes do grupo, bem como o fato de serem da mesma

família e passarem por necessidades semelhantes (habitação, emprego, saudades da família etc) parece contribuir no sentido de tornar o grupo mais unido.

Configurações e vicinalidades: os Leandros e as ideologias de casa e família

Considerando a discussão acima e os gráficos apresentados, é possível ver essa organização/configuração das casas, tanto no primeiro momento [Ceará] quanto no segundo momento [São Paulo], a partir de uma lógica semelhante ao observado por Marcelin na região na periferia de Salvador/BA.

O modelo que proponho aqui se funda na relação indissociável entre dois níveis — o da “casa” e o da “configuração de casas” (conjunto de casas vinculadas por uma ideologia da família e do parentesco) — que conformam um sistema de sentidos, mediante o qual a casa e a configuração se constroem. Esses dois níveis articulam-se por estruturas de tensão, em suas relações simbólicas e sociológicas. (MARCELIN, 1999, p. 33)

Ao analisar a organização e divisão da casa, Marcelin (1999, p. 34), concluiu que a casa é pensada como uma combinação, da ordem da natureza com a ordem social. “Sua organização estrutural é tal que seu interior opõe os espaços entre si, assim como os microespaços a eles associados, fixando as fronteiras invisíveis que condicionam e localizam os modos de conduta que dão forma e sentido às relações familiares”.

No sítio Queixada e na Vila Liviero, as casas são construídas seguindo a ideologia de parentesco e familiar defendida por Marcelin e seguem determinados critérios tais como: “onde construir, com quem, com quais recursos e, em alguns casos, para quem. Construir é uma operação coletiva que coloca em jogo negociações matrimoniais, organização ou reforço de um espaço físico no qual se exerce a experiência familiar, estratégias individuais e coletivas, recursos econômicos e humanos” (MARCELIN, 1999, p. 34-35).

Talvez em São Paulo, o modo como essas construções estão postas, para alguém de fora, seja completamente confuso. Não seja simples diferenciar quem reside onde, qual casa pertence a que morador. Especialmente porque existe uma lógica de convivência entre o grupo que é muito íntima, capaz de gerar confusão sobre quem mora onde. As casas, embora representem o lugar de diferenciação, conforme Márquez (2014) vai nos apontar, elas também simbolizam, em determinados momentos, a ideia

de lugar de todos. Especialmente a casa de Sobradinho que em momentos festivos é tomada por todos os parentes.

Essa maneira de se relacionar entre as famílias em questão na Vila Liviero, aproxima-se do que Marcelin chama de “configuração” — que é a representação analítica de um dispositivo de posições articulando redes de casas — se dá em um “território” histórica e socialmente construído. Uma vez que “a configuração de casas dá conta de um espaço cujas fronteiras são paradoxalmente confusas [do ponto de vista do observador] e nítidas [do ponto de vista dos agentes], no qual se dá um processo contínuo de criação e recriação de laços de cooperação e de troca entre entidades autônomas [as casas]”. Marcelin (1999, p. 37)

Por diversas vezes para encontrar um morador da vila o melhor lugar não é necessariamente a sua casa, mas a do parente. Conforme mencionado acima, uma das casas que sempre está recebendo visitas [quer seja dia ou noite, mas especialmente nos finais de semana] é a de Sobradinho. Tanto ele quanto a esposa, Caraíbas, reconhecem que sua casa é sempre um ponto de encontro: “O pessoal gosta de vir aqui, se reúne na laje, toma umas cervejas, assam carne. Eu não me importo não, desde que não façam bagunça” (CARAÍBAS, 2014).

Os conceitos de configurações de casas de Marcelin (1999) e vicinalidades de Pina-Cabral e Godoi (2014) e Márquez (2014), parecem se preocupar com questões muito semelhantes. No segundo caso, os autores defendem o conceito de vicinalidade, enquanto categoria analítica, onde os espaços de moradia tendem a se agregar territorialmente sob lógicas plurais. Nesse sentido, esses espaços constituem conglomerados abertos com importantes implicações para a ação social. Para eles, a casa não está fechada em si mesmo, não se trata de um espaço individual. Foram conglomerados abertos de entidades de moradia entre os quais as pessoas circulam. “Assim como as pessoas são constituídas a partir de outras pessoas, as casas são constituídas por meio de relações sociais” (PINA-CABRAL e GODOI, 2014, p. 13).

Seriam, portanto, as relações sociais do grupo, as razões de existência das casas. “As proximidades espaciais que o conceito de vicinalidade convoca devem ser vistas como formas de prolongar a morada, de criar locais de vida e identidade” Pina-Cabral e Godoi (2014, p. 14).

Queremos dizer ainda que, embora os gráficos mostrem algo muito mais parecido com vizinhança, e para quem ver de fora isso esteja muito mais caracterizado, o que estamos tentando descrever é que existe uma proximidade aberta entre os espaços

de moradia para além da vizinhança em si. Há nesse sentido processos de aproximação constituída no interior desse território ocupado pelos Leandros da vila Liveiro. Processos que incluem uma lógica interna ao grupo que considera uma ideologia de parentesco e família (MARCELIN, 1999) enquanto princípio de organização social. A referência permanente à casa mostra que o termo família pode ser equivalente ao de casa. Quando o agente afirma que a condição de existência de toda pessoa é a família deve-se reconhecer nisto que em “família” ou “casa” há uma significação ontológica. Trata-se de um lugar no qual e pelo qual ele se define e a partir do qual ele sustenta sua existência social como pessoa. Marcelin (1999, p. 42).

Da mesma forma, Márquez (2014) afirma que para entender o que as casas representam no bairro Palmeiral – Salvador (BA) faz-se necessário considerar o fenômeno da vinculação entre as famílias e as casas, da mesma forma, é preciso entender essa relação constituinte entre famílias e moradores na Vila Liveiro, caso queiramos compreender a relação entre o grupo.

A casa representa a família e é o espaço da sua jurisdição, por assim dizer. Por isso, um dos primeiros sinais do início de relações de inimizade é quando vizinhos deixam de frequentar as casas um do outro; podendo os desafetos escalarem, nos casos mais extremos que comentamos acima, ao ataque físico da propriedade de outrem. (MÁRQUEZ, 2014, p. 54)

No entanto, há uma diferença entre a Vila Liveiro – SP e o bairro Palmeiral- BA é que, no primeiro caso, o que predomina na construção da vicinalidade são as relações familiares e não de lideranças. Isso não quer dizer que algumas pessoas da própria família se despontem enquanto lideranças na organização de eventos ou representação legal, se necessário. Já no segundo caso, analisado por Márquez, a dinâmica da vicinalidade existente no bairro se dá a partir da relação liderança-vizinhos, não necessariamente parentes biológicos. Isso é apontado no texto como algo novo, já que na concepção do autor os estudos sobre vicinalidades apontam para uma característica comum nessas relações que é o parentesco-familiar. “A particularidade que observamos em Palmeiral é que nas vicinalidades deste bairro o elemento da contiguidade é fundamental, tendo o parentesco um peso menor.”. (MÁRQUEZ, 2014, pp. 54-54).

Essa vicinalidade caracterizada pelos laços de parentesco é comum em outras partes do mundo, conforme aponta (MÁRQUEZ, 2014, p. 55). Em Portugal e Estados

Unidos como as descritas por “Carol Stack (1975) e de Portugal por Manuela da Cunha (2007)⁷ – têm sua base na proximidade socioespacial, no fato das famílias compartilharem espaço e necessidades. Parentes que não moram perto, no caso, não geram redes de reciprocidade”.

No entanto, as razões características que levam a formação dessas vicinidades, dessas redes de autoajuda parecem ser as mesmas em qualquer lugar: “vemos aparecer esse tipo de vicinidades, de redes de reciprocidade, em contextos onde a pobreza impõe ajudar-se mutuamente (...). Não há dúvida de que o estado de necessidade é o *motor* dessas redes, dos favores e trocas recíprocas que as operacionalizam”. Márquez, (2014, pp. 55-56).

Da mesma forma que vicinidades e configurações de casas orientam a nossa análise, outros trabalhos também foram importantes para pensar os Leandros em São Paulo. A rua ilustrada acima, no gráfico 2, possui uma movimentação típica de aglomerados periféricos urbanos (CALDEIRA, 1984)⁸ e as características do “pedaço”⁹ (MAGNANI, 2003). As crianças se divertem ao ar livre, enquanto os jovens e senhores com idade entre 40 e 50 anos, jogam baralho, jovens bebem cerveja e fumam ou disputam sinuca ou os jogos eletrônicos do bar. Esta parte da vila tem características comuns a de uma favela - é tratada por integrantes da parte alta do bairro como a Favela do Cruzeiroim - uma referência à existência de um antigo cruzeiro que existia ainda quando o espaço era inabitado. Mesmo assim, e talvez por essa aura de um lugar com características próprias, essa parte da Vila Liviero é tão elogiada pelos moradores e por muitos que por ali passam. Veja o que nos diz esse informante:

⁷ Sobre análise feita nos EUA, ver Carol STACK (1975) “*All our kin: Strategies for Survival in a Black Community*. New York, Harper & Colophon.” Sobre pesquisa realizada em Portugal consultar Manuela CUNHA (2007) “Vicinidade e parentesco: limites, categorias e práticas”. In Uribe, J.M. (org.), *En clave Ibérica: Vecinos, caminos, y mudanzas culturales*, Pamplona, Universidad Publica de Navarra, pp. 87-96.

⁸ Ver livro “*A Política dos Outros: O Cotidiano dos Moradores da Periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*” foi resultado de uma dissertação de mestrado defendida em 1982 na FFLCH/USP,) retrata o cotidiano dos moradores de um bairro periférico de São Paulo e explica como eles concebem a sociedade em que vivem: “Embora frequentemente desprezada, a vivência do ‘tempo livre’ não é, de modo algum, destituída de importância nem para as pessoas e os grupos sociais, nem para a vida em sociedade. Aí se adquire um nome, uma identidade e um papel social, se aprende a vivê-los e se vive de acordo com eles” (CALDEIRA, 1984, p.118).

⁹ Foi no trabalho *Festa no Pedaço: cultura popular e lazer na cidade* (1984[2003]) que Magnani enfrentou o desafio de desenvolver uma pesquisa sobre lazer na periferia de São Paulo. Neste contexto o autor vai cunhar a categoria “pedaço”, uma espécie de intermediário entre a casa e a rua damattiana. “Pedaço” é esse lugar dos colegas, dos chegados. Todos sabem quem são de onde vieram, do que gostam e do que podem ou não fazer. O pedaço é uma expressão nativa, própria do grupo analisado por Magnani. Aquele espaço onde eles residiam, se sociabilizavam, interagiam, se sentiam “em casa”..

Eu acho que dos lugares de São Paulo, o melhor é aqui mesmo. O pessoal vem do Ceará, vai visitar uns e outros, mas sempre diz que aqui é muito bom. Ninguém nunca fala que aqui é ruim, mas quem vai a Jacira, ao Centro, a Carapicuíba etc., volta pra cá e diz; ‘não, lá é muito ruim, bom mesmo é aqui onde vocês moram’. Por isso digo que a nossa vila é muito boa (SOBRADINHO, migrante, 45 anos, 2013)

É possível afirmar que a compreensão do “bom”, ”muito bom” para definir a Vila Liviero como excelente lugar de morada, tem relação com esses laços de parentesco e vizinhança que ali se estabelecem, enquanto que, por exemplo, no Centro de São Paulo ou em Carapicuíba, as residências nem sempre são próximas. Além disso, é comum casos de parentes dos Leandros, primos, sobrinhos, afilhados que moram sozinhos nesses lugares. Estes costumam vir pra vila em dias de folga, feriados e finais de semana. Mas antes dos Leandros se estabelecerem na vila, ou seja, quando chegaram a São Paulo, eles ocuparam outros espaços nada agradáveis ou familiares como nos informa Sobradinho.

Quando cheguei em São Paulo eu fui morar no ‘rato molhado’ [referência a favela]. Eu lembro que uma tia da minha esposa veio aqui em São Paulo e eu rezei pra ela não ir na minha casa. Eu tinha vergonha que ela visse o lugar onde eu morava. Mas eu pedi tanto a Deus que ela não fosse lá. Só que não teve jeito. Ela foi. Chegou lá rapaz, ela percebeu que eu tava assim meio sem jeito. Também, um barraco véi pequeno, de palha, pobre... mas ela me falou uma coisa ainda hoje serve de exemplo pra mim: ‘É melhor um barraco de palha da gente do que um palácio dos outros’. E é verdade mesmo. Aquilo me ajudou sabe. Depois não tive tanta vergonha do meu lugar. Era meu. Esse povo mais velho eles falam umas coisas que nos confortam. Acho que é a experiência. Já os mais novo tu sabe como é. Eles falam as coisas sem pensar. Ela sabia o que estava dizendo. Mesmo que ela tivesse vindo a minha situação de pobreza, aquelas palavras me confortavam. Porque aquilo dali era meu.”(SOBRADINHO, migrante, 45 anos, 2013)

Hoje ele tem orgulho de mostrar sua casa e receber visitantes. Não é mais um “barraco” que envergonhe os familiares. Percebemos ainda que há um esforço no grupo em manter todos os integrantes, seja primo, sobrinho, irmão, afilhado, o mais próximo possível. Trazendo para junto do grupo, dividindo suas casas, alugando cômodos, ou construindo em cima das construções. Deseja-se ter por perto, especialmente aqueles que externam pouco ou quase nenhum conflito entre os demais integrantes. Estes podem ser denominados membros bem aceitos socialmente, que possuem um livre trânsito. Sempre convidados para as festas, presente nos almoços eventuais, semanalmente, ou

quase diariamente, aparecem para tomar um café, bater um papo, auxiliam nos trabalhos de reformas de casa ou construção dos famosos puxadinhos, etc.

BIBLIOGRAFIA

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A política dos outros: O Cotidiano dos Moradores da Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1984.

CLEMENTINO, Jurani Oliveira. **Fazendo a festa: as sociabilidades dos migrantes varzealegrenses em São Paulo e no Ceará**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Campina Grande – Campina Grande - PB, 2016.

COMERFORD, John Cunha. **Onde está a “comunidade”? Conversas, expectativas morais e mobilidade em configurações entre o “rural” e o “urbano”**. Revista Ruris, V. 8. Nº 2. Set. 2014.

COMERFORD, John. **Como uma Família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 2003.

COSTA, Maria Cristina Silva. **Nós das redes**. In: Travessia, CEM, ano XIV, nº 40. mai/ago. 2001 p. 25-27.

DORNELAS, Sidney M. **Redes Sociais na Migração: questionamentos a partir da pastoral**. In: Travessia, CEM, ano XIV, nº 40. mai/ago. 2001 p. 5-10.

DURHAN, Eunice R. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. 2ª edição, Perspectiva, São Paulo, 1978.

FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FONTES, Paulo. **São Miguel Paulista dos “baianos”**. In: Travessia, São Paulo, C.E.M., mai-ago. 1990. Ano XIV, n. 40, pp. 17-24.

FUSCO, Wilson M. **Redes familiares na Emigração Valadense para os Estados Unidos**. In: Travessia, CEM, ano XIV, nº 40. mai/ago. 2001 p. 11-16.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade**. 3ª Ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

MARCELIN, Louis Herns. **A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano**. Mana, n.5, v.2, p. 31-60, 1999.

MÁRQUEZ, Raúl. **Limites e ambiguidades da vicinalidade num bairro de Salvador**. IN: Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2014, v. 57 n° 2.

MENEZES, M. A. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes**. Rio de Janeiro, Relume Dumará: João Pessoa, PB: EDUEPB, 2002.

MENEZES, M. A. **"Da Paraíba prá São Paulo e de São Paulo prá Paraíba" [migração, família e reprodução da força-de-trabalho]**. M. Phil. thesis. Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba, 1985.

MENEZES, M. A. & CLEMENTINO, J. O. **Sessenta anos depois: a narrativa de um migrante sobre ausência e saudades da família**. IN: Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS v. 16, n. 30 (38-54) jan-abr 2015.

NOGUEIRA, Verena Sevá. **Sair pelo mundo. A conformação de uma territorialidade camponesa** – (Tese de Doutorado), Campinas, SP : [s. n.], 2010.

PINA-CABRAL, João de, & GODOI, Emília Pietrafesa de. **Vicinalidades e casas partíveis**. IN: Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2014, v. 57 n° 2.

RIGAMONTE, Rosani Cristina. **Sertanejos contemporâneos: entre a metrópole e o sertão**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Fapesp, 2001. 255p.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SIMMEL, George. **Questões fundamentais da sociologia: Individuo e sociedade**. Tradução Pedro Caldas – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

WOORTMANN, K. **Com parente não se negueia: o campesinato como ordem moral**. Anuário antropológico, Rio de Janeiro, n. 87, p. 11-73, 1990.